

Tirando de Letras

Buriti, A Vida do Sertão num Fio Polifônico

* Josse Fares

Quando Teseu chegou a Creta para lutar ou ser devorado pelo Minotauro no intrincado Labirinto, Ariadne se apaixona pelo herói ateniense e, para que o amado, após a luta, pudesse encontrar o caminho de volta, a filha de Minos deu a ele um novelo de fios. Teseu desenrolaria o fio e chegaria à saída do Labirinto.

Em Guimarães Rosa, no seu **Corpo de Baile**, esse novelo de fios é o sertão. Numa tessitura comparável a de Ariadne, o escritor mineiro vai bordando, num tecido de humanidade, as imagens do Brasil sertanejo, o que leva alguns estudiosos a considerá-lo um escritor regionalista. Mas o sertão é o mundo, “o sertão é dentro de nós” e, por isso mesmo, brota do texto de Rosa, de forma incontestável, a universalidade.

Buriti, uma das novelas que constituem o **Corpo de Baile**, é uma narrativa feita em terceira pessoa, pressupondo, portanto, a existência de um narrador que não é personagem, mas um observador dos fatos, possuidor dos poderes da onisciência e onipresença. Entretanto, apesar da existência desse narrador onisciente e onipresente, a tarefa de conduzir o fio desse labirinto - o sertão - é dividida com algumas personagens que, de viva voz e em primeira pessoa, vão desenrolando o novelo e, imprimindo nos fios, sua própria vida.

As primeiras impressões que Miguel - personagem que “depois de saudades e tempos” volta àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom - tem das Gerais e da família de iô Liodoro, são filtradas através da ótica de nhô Gualberto Gaspar, proprietário da fazenda Grumixã. Quando Miguel chega ao Buriti, assume a tarefa de contar sua convivência com iô Liodoro e sua família: Maria Behu e Maria da Glória, as filhas; dona Lalinha, a nora.

Outra personagem que segura o fio e vai avançando o tecido da novela é Dô-Nhã, que traz à tona suas aventuras e desventuras amorosas.

Também dona Lalinha, moça da cidade, conduz, e de forma muito especial, o fio norteador da

narrativa. Essa forma especial é o monólogo interior, quando a personagem reflete sobre sua estadia na fazenda de iô Liodoro: “Para eles, eu sou apenas o que não sou mais: a mulher de um marido que não tenho...”.

As multifaces que se mostram no processo narrativo permitem que o leitor se defronte com o narrador artesão e o narrador viajante, percebidos e estudados por Walter Benjamin em suas **Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Segundo Benjamin, “quem viaja, tem muito o que contar” e, nesse contar, associa o saber das terras distantes às experiências das terras em que chega. Aí se configura o chamado narrador viajante. Há também, como já foi dito anteriormente, o narrador artesão, aquele que é sedentário e, por isso mesmo, seu contar está restrito às experiências experimentadas em seu próprio chão, em seu universo partícular. Assim, quando o narrador-mor - se é que assim podemos chamá-lo - passa para algumas personagens a tarefa de narrar, oportuniza a possibilidade de “ouvirmos” a vivência daquele que é nômade - o viajante - e daquele que é sedentário - o artesão.

Nhô Gualberto Gaspar personifica o narrador artesão. Ele é a voz da terra, a voz das Gerais, sendo capaz de contar não só das pessoas que habitam aquele universo, mas também das peculiaridades da terra em seus mais variados matizes.

Miguel e dona Lalina têm a experiência da cidade, portanto suas narrativas trazem ao sertão vivências novas que se entrecruzam e, por vezes, se chocam às do sertão: “Glória, meu bem, vocês não sentem a vida envelhecer, se passar? Não, ela, eles não haviam ainda domesticado o tempo, repousavam na essência do seu sertão.”

A vivência de Dô-Nhã é tipicamente sertaneja, no entanto, a ousadia da personagem a leva por outras plagas do sertão. E o sertão é vasto, é um mundo em que as experiências podem ser variadas. As de Dô-Nhã o foram. A diversidade de seu viver

permite que ela seja vista sob o ângulo do narrador viajante.

Num processo narrativo em que o narrador - aqui referindo-se àquele que narra em terceira pessoa - democraticamente, abre-nos para perspectiva das personagens, surge a possibilidade do descortinar, diante do leitor, as várias vozes, a polifonia da novela. São as vozes da tradição, do patriarcalismo, do lendário, do misticismo, entre outras.

A voz da tradição está assentada numa espécie de paradigma. Rompê-lo é ferir as normas estabelecidas pela sociedade: "E o certo é que, ela tendo se casado com Avelim, nem religião nem lei são capazes mais de dar regulamento nisso, em favor do Totonho. Assim como se casou, não podia acontecer de ter tido de dormir a primeira noite, ou outras, com o marido antes de conseguir a fuga? (...) Eu havia de ter vergonha de ser mulher de quatro...". Neste trecho, que faz referência à situação conjugal de Dô-Nhã, fica explícita a cobrança que a sociedade impõe àqueles que ousam transgredir seus "mandamentos".

As vozes da tradição popular - em que incluímos o lendário - perpassam a novela, sobretudo em dois momentos: a festa de Natal e a festa de S. João. "No mês do Natal (...) exultavam com o próximo nascimento de Jesus Nosso Senhor. Na véspera, todos apareciam. No Buriti Bom, Behu armava o grande presépio (...). Matavam boi, matavam porco. Era a festa." Como se vê, o trecho assinala a tradição natalina, universal neste lado do mundo.

Na celebração da festa junina, afloram as simpatias em torno da fogueira: "- Não tiro minha sorte com a clara d'ovo no copo d'água, não! Temo que deva de formar o feitiço de uma vela, que então é que vou morrer no prazo de antes de um ano...". Também o lendário se corporifica nos festejos juninos. Conta a lenda que S. João, no dia do seu aniversário, dormia profundamente, por isso o povo do Buriti Bom, numa absorção do lendário, assim dizia: "Que Deus é bom, esconde do saber de S. João o dia do nascimento dele. - Eh! mas quando S. João souber, bem, ele acaba o mundo a fogo."

A voz do patriarcalismo soma-se a do coronelismo. Estas vozes estão centradas, sobretudo, em Iô Liodoro, o dono do Buriti Bom, endeusado por nhô Gualberto Gaspar. Iô Liodoro trouxe para a fazenda sua nora Lalinha, quando o marido dela, seu filho Iô Irvino, a deixou. Com essa atitude, o fazendeiro salvaguardava a honra da família, impedia que a nora pudesse ter possíveis

aventuras amorosas. Entretanto, para ele, a aventura de amor era coisa corriqueira. Além de Alcina, Iô Liodoro vivia uma relação adulterina com Dionéia, casada com o Inspetor. Esta situação nos põe diante da permissividade que a sociedade oferece ao homem. À mulher - ao contrário - são cobradas posturas de madalenas, de fidelidade eterna, configurando o ditado machista: "O homem cai aqui, mas levanta ali."

Outra voz que alto se levanta na narrativa é a do misticismo, aqui enfocado de forma dual, sincrética. Há a religiosidade de tendência católica, configurada em Maria Behu, e a de cunho umbandístico que se corporifica nos rituais de Dô-Nhã e Maria Da-Quinal, na intenção de trazer Iô Irvino de volta para dona Lalinha: "Três pratos boto nesta mesa, três pratos boto na mesa, três pratos boto em mesa: o primeiro para mim, o segundo para você Fulano de Tal, o terceiro para minha grande Santelena (...) Fulano de Tal: se estiver conversando, cala! Se estiver correndo, pára! Se estiver dormindo, acorda!... Levanta para caminhar, Fulano de Tal, é hora!..."

No decorrer da novela, o narrador diz: "O umbral do sertão. O Buriti Bom." Para os Kardecistas, umbral é a região onde vivem os espíritos pouco evoluídos. Ao caracterizar o Buriti Bom como um umbral, o narrador praticamente classifica as personagens da novela como portadoras de mazelas, das quais precisam desvencilhar-se para atingirem o mundo maior, o da luz.

Ainda expressa pela voz místico-religiosa está a visão de mulher, focalizada como símbolo da tentação: "Ela riu forte, riu serpentes." Essa visão se intertextualiza com a passagem bíblica do Gênesis: "Iahweh chamou o homem: 'Onde estás?', disse ele: 'Ouvi teu passo no jardim', respondeu o homem: 'Tive medo porque estou nu e me escondi'. Ele retornou: 'E quem te fez saber que estavas nu? Comeste então da árvore que te proibi de comer!' O homem respondeu: 'A mulher que puseste perto de mim me deu a árvore, e eu comi!' Iahweh disse à mulher: 'Que fizeste?' E a mulher respondeu: 'A serpente me seduziu e eu comi.' "A figura feminina, portanto, ancestralmente é enfatizada como a tentadora, a que provou do fruto proibido e o deu a seu companheiro. Esse fruto proibido era a maçã." E assim o narrador se refere à Maria da Glória: "Voltava exaltada e contente, remolhada de muitos orvalhos e corada - uma maçã."

Constata-se assim, que a novela rosiana é conduzida por um fio polifônico que ziguezagueia e tece uma teia, capaz de vencer a própria morte: a palavra. Foi com ela que Sheherazade salvou muitas vidas, inclusive a dela própria, afinal, “no princípio era o Verbo.”

* Professora de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa no Curso de Letras da Universidade da Amazônia - UNAMA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BENJAMIN, Walter . **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Ruanoet. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CHEVAMER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão**. Rio de Janeiro. 8ª ed., Nova Fronteira, (?).
- A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, Edições Paulinas, 1992.